

INCLUSÃO E EXCLUSÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ABORDAGEM DO TRATAMENTO DA CORPOREIDADE.

ZOBOLI, Fabio– FURB

LAMAR, Adolfo Ramos – FURB

GT: Educação Fundamental /n.13

Agência Financiadora: não contou com financiamento

INTRODUÇÃO

As diversas maneiras que o ser humano tem de se relacionar com o próprio corpo, de relacioná-lo com a sociedade, com o mundo e a natureza, ocorrem das mais variadas formas de acordo com a cultura em que este está inserido. Essas maneiras de interação não são permanentes, pois subordinam-se a mudanças, frutos do processo histórico da construção humana. Sendo assim, a corporeidade de cada indivíduo, além de revelar sua singularidade pessoal, também possui características que o define como membro de um grupo social em um determinado tempo.

O corpo atravessado pelas ideologias e necessidades socioculturais se torna multiforme e adquire vários sentidos. Dentro do seu processo histórico de construção, o corpo é constantemente (re)criado. A escola e as aulas de Educação Física são agentes que contribuem para esta construção.

PROBLEMA

Para uma criança, a partir dos seis ou sete anos, a escola passa a ser um ambiente onde se passa uma parte considerável do dia. A escola e as aulas de Educação Física como espaços de socialização, se apresentam como lugares fundamentais para a construção da personalidade da criança.

Na escola, muitas vezes, a corporeidade é colocada num sistema de interdição e privação. Isso se dá quando esta é desconsiderada das suas condições de Ser, dentro de sua complexidade. Quando ela é privada de cuidado, dignidade e respeito no seu modo de “Ser” humana – na condição de verbo.

No dia-a-dia de nossas escolas, percebemos um grande número de alunos com dificuldades de lidar com o próprio corpo. Não são raros os alunos que se envergonham com sua auto-imagem corporal. O gordinho, o baixinho, o vesgo, o manco, o narigudo, o de cor e tantos outros são vítimas da ridicularização dos companheiros, passando muitas vezes pela rejeição dentro do seu próprio grupo.

Quantas brigas – agressões físicas – durante a aula de Educação Física porque ninguém quer perder na hora do jogo, quantos sujeitos ressentidos por não serem “bons” o suficiente para jogar no time da escola. Quanta eliminação na hora de selecionar um time entre os próprios alunos, pois ninguém quer o “menos apto” física ou tecnicamente para aquele jogo. A escola e as aulas de Educação Física passa assim a criar situações onde os alunos mais capazes passam a estabelecer uma relação onde se manipulam para obter poder.

A partir do acima mencionado a pesquisa tratou do seguinte problema:

- De que forma se dão as relações frente ao convívio das diferentes corporeidades no Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física de uma Escola de Ensino Fundamental do estado de Santa Catarina?

OBJETIVOS

- Identificar como as relações de poder estão relacionadas no tratamento das diferentes corporeidades na referida Escola.
- Compreender de que maneira o convívio frente a corporeidade diferente interfere na formação dos hábitos dos alunos na relação consigo mesmo e com o outro.

METODOLOGIA

Este trabalho é fruto de um estudo de caso de uma Escola de Ensino Fundamental na cidade de Timbó/SC, no qual se utilizou a abordagem qualitativa. No levantamento bibliográfico buscou-se a base histórica e filosófica das relações de poder no tratamento da corporeidade no que tange os diferentes. Assim, foram adotados como fundamentação teórica os conceitos de “relações de poder” e “tecnologia política do corpo”, de Michel Foucault. Os dados foram coletados através da observação direta, entrevista não-diretiva, discussão coletiva, elaboração de texto e história de vida;

realizada com alunos – de ambos os sexos – de 5^a a 8^a série do ensino fundamental dos turnos matutino e vespertino. Participaram também da coleta de dados os dois professores de Educação Física da escola que trabalharam com estas turmas. Buscou-se compreender o significado das ações e relações no tratamento para com a corporeidade do diferente no Ensino Fundamental tendo com foco as aulas de Educação Física da referida escola.

RESULTADOS

Constatou-se através da observação participante que em algumas aulas de Educação Física na Escola de Ensino Fundamental Emir Ropelato, a professora dava a bola aos alunos e deixava que os mesmos se organizassem entre si. Nestes momentos os mais hábeis e os mais fortes escolhiam seus times, excluindo os mais fracos e os menos aptos, reproduzindo assim todo tipo de exclusão, igual ao que acontece na sociedade neoliberal. Esta prática gera muita polêmica entre os alunos, pois os dois mais habilidosos sempre são os que escolhem os times. Esta escolha era feita dentro de uma hierarquia, onde os considerados aptos para o jogo eram escolhidos por primeiro, restando os menos aptos para o fim.

Para Afonso (2000) a escola é assim a agência da socialização na qual as crianças experimentam pela primeira vez um sistema institucionalizado de diferenciação com base na realização individual, o qual procura incutir a aceitação das regras de competição – seleção/ exclusão – próprias da estrutura social e econômica.

A escola pesquisada possui atualmente 490 alunos, dentre eles 12 são portadores de necessidades especiais. Sabe-se que há uma certa exclusão destas pessoas por parte dos demais alunos – e até por vezes, do professor – nas aulas de Educação Física. Alguns fazem piadas por causa da baba expelida por estes indivíduos, outros imitam seu modo de andar e falar, alguns também os zombam e ridicularizam.

Uma outra prática que culmina no desrespeito aos diferentes é a medição de peso e altura feita todos os anos nas aulas de Educação Física. O que se observou foi a ridicularização da turma frente aos obesos e baixinhos, enquanto que os altos pareciam ter “status”, pois todos queriam saber sua altura e ficavam comentando entre os colegas. As crianças obesas eram as menos interessadas pela aferição, mostrando uma baixa estima frente a sua auto-imagem corporal, pareciam prever as “gozações” vindas por parte dos colegas.

No que tange a questão da obesidade outros dados foram percebidos. Muitos garotos obesos durante as entrevistas e história de vida, se queixavam que muitas vezes só são aceitos no time de futebol para serem goleiros. Neste sentido, percebe-se que os corpos que se desviam dos padrões de uma normalidade utilitária não interessam, igual ao que ocorre na ideologia de mercado. Trabalhando estes valores na escola se sustenta a manutenção do modelo elitista de corpo.

É sabido que as manifestações de fé contribuem largamente para a construção dos hábitos corporais dos seus adeptos. Existe, por exemplo, alunos que pertencem a uma religião onde as meninas não podem cortar o cabelo nem usar calças, somente saias ou vestido. Esta religião também não permite a prática de jogos competitivos nem a dança. Conversando com algumas destas pessoas na escola, constatou-se de que estas sofrem zombarias de seus colegas por usarem cabelos longos e saias. Mas não é só as crianças que se vestem conforme o que dita os seus credos religiosos que são alvos de ridicularização, mas também, os alunos que moram em famílias que trabalham com a agricultura e a pecuária.

Estes dados foram interpretados a partir de Bourdieu (1998: 193) quando diz que:

“Não há dúvidas que os julgamentos que pretendem aplicar-se à pessoa em seu todo levam em conta não somente a aparência física propriamente dita, que é sempre socialmente marcada (através de índices como corpulência, cor, forma do rosto), mas também o corpo socialmente tratado (com roupas, os adereços, a cosmética e principalmente as maneiras de conduta) que é percebido através das taxionomias socialmente constituídas, portanto lido como sinal da qualidade e do valor da pessoa. [...] O héxis corporal é o suporte principal de um julgamento de classe que se ignora como tal: tudo se passa como se a intuição concreta das propriedades do corpo percebidas e designadas como propriedades da pessoa estivessem no princípio de uma apreensão e de uma apreciação globais das qualidades intelectuais e morais”.

O que se verificou também é que a questão da discriminação racial ainda é muito forte na escola estudada. A comunidade do bairro tem pouquíssimas pessoas de origem negra, prova disso, é que na escola há apenas quatro pessoas afro-descendentes. Uma garota de 8 anos, durante a aula de Educação Física veio chorando até a professora. Quando a professora perguntou o motivo de seu choro, ela respondeu que algumas crianças estavam rindo e debochando dela por ela “ser negra”.

Sob esta óptica, a questão racial pode ser vista como um aspecto que estrutura as relações de poder na medida em que atribui valores a diferença racial, dimensionando-a simbolicamente como inferior ou superior. Foucault (2000) menciona que o corpo passa assim a ser dominado por inúmeros signos que exercem sobre ele relações de poder na medida em que precisa ser formado, corrigido e receber um certo número de qualidades.

Frente a todos estes confrontos que envolvem o convívio com as diferentes corporeidades percebe-se que é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Sob esta ótica Woodward (2000: 18-19) menciona que:

Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade.

CONCLUSÕES

Nas aulas de Educação Física, bem como no ambiente escolar em geral, a diferença não tem chance de se manifestar. E se a diferença não aparece, nunca teremos pessoas, mas sim, apenas indivíduos no ambiente escolar. Ao sufocar a diferença, a escola acaba por gerar a pobreza cultural oriunda da falta de diversidade. Ao reconhecer e valorizar as mesmas, a escola estará dando chances à subjetividade humana de se manifestar e se realizar em cada ação humana.

É importante na educação escolar discutir e aprofundar estas questões com o intuito de criar condições de reflexão, interpretação e decodificação dos signos criados na sociedade com relação ao corpo. É preciso realizar um trabalho que dê base teórica e prática, com o objetivo de gerar valores que radicalizem em favor da vida, e engajamento responsável e crítico na luta por um corpo ameaçado pela barbárie.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, A. J. **Avaliação educacional**: regulação e emancipação: para uma sociologia das políticas avaliativas contemporâneas. São Paulo: Cortez, 2000.

BOURDIEU, P. Escritos de Educação. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). **As categorias do juízo professoral**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 185-216

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. História da violência nas prisões. 22. ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 8-60